



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

LEITURAS INFANTIS E A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS¹

Lidia Inês Allebrandt², Iselda Teresinha Sausen Feil³, Katiele Da Rosa Oliveira⁴.

¹ Trabalho resultante de ação de pesquisa do Projeto de Extensão Linguagens em Movimento da Unijuí.

² Professora Mestre do Curso de Pedagogia, do Departamento de Humanidades e Educação e Coordenadora do Projeto de Extensão Linguagens em Movimento.

³ Professora Mestre do Curso de Pedagogia, do Departamento de Humanidades e Educação e membro do Projeto de Extensão Linguagens em Movimento.

⁴ Acadêmica do Curso de Pedagogia e Bolsista PIBEX/UNIJUI do Projeto de Extensão Linguagens em Movimento.

Resumo

Apresentamos resultados parciais de pesquisa em andamento em uma escola do meio rural do município de Ijuí que tem por objetivos analisar experiências de leitura no âmbito escolar e desenvolver práticas de leitura de textos literários, com o intuito de criar situações de interação que oportunizem à criança expressar sentimentos, saberes, conhecimentos, representações e significado originados de suas experiências e/ou suscitados pela leitura. A opção é pela pesquisa qualitativa, sendo que o estudo configura-se mediante estudo de caso, do tipo micro-etnográfico, por oportunizar o conviver com o grupo, realizar a descrição do real cultural e extrair significados que surgem nas múltiplas situações cotidianas. Os resultados apontam para a ampliação das experiências de leitura em geral e do texto literário em particular, pois essas ainda estão restritas às demandas da escola e, na sua maioria, são por ela incentivadas. Há evidências de que a escola está consciente da necessidade de uma política em favor da leitura. Isso aparece na preocupação de organizar uma sala de leitura e pelos relatos de uma professora que disse que nos cursos de formação a proposta da escola ativa é muito boa, já que contribui no desenvolvimento de práticas de leitura. Quanto aos significados das leituras dos textos literários, pelas crianças, constatamos que aquilo que expressam tem referência às suas experiências e valores familiares e/ou sociais e aos indícios gráficos e textuais.

Palavras-chave: leitura na infância; literatura infantil; experiência de leitura

Introdução

O intuito é apresentar resultados parciais de pesquisa que está sendo desenvolvida com crianças de escola do meio rural de Ijuí. Os objetivos a que nos propusemos são comentar algumas experiências de leitura na infância no âmbito escolar e analisar práticas de leitura de texto literário, com o intuito de criar situações de interação que oportunizem à criança ter contato com livros, expressar sentimentos, saberes, conhecimentos, representações



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

e significados originados de suas experiências e/ou suscitados pela leitura. Nosso entendimento é que o contato com o livro permite que a criança se amplie seu universo imaginário, da fantasia e da criatividade. O livro é uma forma de adentrar no mundo do faz de conta onde o maravilhoso acontece e a magia aponta para soluções, ao mesmo tempo em que aponta para a realidade íntima de cada leitor.

Para Rizzoli,

Os sons, as palavras, os gestos e os olhares são todos instrumentos utilizados para criar um lugar de encontro, aquela 'terra do meio', que é feita de conexões, de relacionamentos entre quem conta e quem ouve a história. Situações em que o que importa é a presença e a vontade de uma comunicação autêntica e acessível, em grau capaz de suscitar um sentimento comum: aquela maneira específica, aquela forma de conhecimento que torna possível provar que o que um sente o outro pode sentir, e saber que a sua vivência é parecida com a do outro.

Estamos convivendo com o grupo de duas professoras, uma diretora, uma auxiliar e dezesseis crianças de uma escola rural, situada no interior do município de Ijuí. Nesse ano há dois grupos assim organizados: 1º e 2º ano (crianças de 6 e 7 anos) e 3º e 5º ano (8 e 10 anos), que frequentam a escola no turno da tarde. São filhos de pais agricultores e/ou trabalhadores contratados para trabalhar na agricultura, também há alguns que atuam como autônomos dirigindo esteira, caminhão; e de mães que trabalham na agricultura, em casa e, algumas, como diaristas em casas de famílias.

Na escola, as crianças do primeiro e do segundo ano ouvem histórias, leem frases e convivem com textos diversos, desenvolvem atividades específicas do nível de escolaridade, além de terem tempo para brincar e cantar, inclusive em inglês, língua que estão aprendendo. Os estudantes do 3º e 5º ano lêem vários textos, principalmente aqueles referentes aos temas estudados nas diversas áreas do conhecimento. Leem livros de literatura e ouvem histórias. Há um pequeno acervo de livros na secretaria e alguns em cada sala de aula. Há projeto para organizar uma sala de informática, leitura e contação de histórias. Também brincam e cantam. A escola tem como política levar as crianças nas Feiras de Livros, em alguns espetáculos teatrais e em viagens de estudos. Já, na comunidade, as crianças podem participar, além das atividades escolares, da catequese, das missas, das festas populares e dos jogos de futebol ou bolãozinho. Em seu grupo familiar brincam e cuidam de seus irmãos, auxiliam os pais em algumas atividades, olham televisão e participam das conversas dos adultos.

Metodologia

O caminho de pesquisa está se construindo no processo, em diálogo com os sujeitos, com ouvidos abertos para as falas e silêncios e olhos abertos para as expressões. Os fios estão sendo tecidos, considerando os indícios nesse espaço e com esses sujeitos. A abordagem é qualitativa, já que permite interpretações mais complexas, sendo que o estudo configura-se mediante o estudo de caso, do tipo micro-etnográfico, pois permite conviver com o grupo, realizar a descrição do real cultural e extrair significados que surgem nas múltiplas situações cotidianas.





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

O intuito não é confirmar pressuposições, mas conhecer, analisar e aprender com os sujeitos, e, na medida do possível, produzir conhecimentos. O problema que nos colocamos é analisar suas experiências de leitura e refletir acerca dos significados produzidos pelas crianças dos anos iniciais do ensino fundamental quando ouvem um texto literário a elas destinado. Para tanto, buscamos conhecer e apreender esses significados e relacionar com algumas de suas experiências de vida fora da escola.

Isso posto, nos sentimos à vontade para exercitar a curiosidade, a criatividade, a interdiscursividade, a escuta, o olhar e a reflexão, ora compartilhada com as crianças, professores e pais, ora como momento de afastamento dos sujeitos e interrogando os fatos, os dados, os indícios múltiplos.

Para começar a interação com o grupo de 8 crianças do 3º e 5º ano, explicamos que frequentaríamos a sala de aula da turma algumas vezes para ler histórias, conversar sobre certos temas e que gostaríamos que cada um registrasse por escrito suas respostas e impressões de leitura, pois queríamos saber o que cada um/a tinha a dizer. Também definimos como estratégia, observar, conversar com as professoras, as crianças e seus pais para ampliar o conhecimento das práticas de leitura desenvolvidas e outras questões que fossem surgindo, bem como ampliar o entendimento de certos ditos.

Resultados e Discussão

A seguir transcrevemos uma situação de leitura acontecida num dos encontros de conversa e leitura de obra literária, antes de contar a história perguntamos: Você consegue dormir? As crianças se surpreenderam com a pergunta, pareceu que nunca haviam parado para explicar isso na escola, mas, de imediato, começaram a registrar. Vejamos:

L. Eu tenho dificuldade pra dormir? Por que? Por que eu estou sosinha, eu não consigo dormir sosinha. Quando eu era pequena dormia com meu pai e minha mãe, agora durmo com minha irmã.

I. Eu não tenho dificuldade para dormir, porque eu sempre durmo as horas certas que temos que dormir.

G. Eu não tenho porque eu coro muito.

N. Eu não tenho dificuldade para dormir. Porque? porque eu pego no sono rápido.

V. eu tenho sono.

J. eu consigo dormir por que eu estou cansado..

M. tenho só um pouco por que eu fico tentando pegar no sono e de pois eu durmo.

MR. Eu tenho dificuldade para dormir Porque eu durmo tarde e demoro para dormir.

Nesse encontro a historia escolhida foi: Você não consegue dormir, ursinho, de Martin Waddel, ilustrada por Bárbara Firth, tradução de Gilda Aquino, obra publicada pela Brinque-book I em 1996. Mostramos o livro, lemos o título e perguntamos: Por que será que o ursinho não consegue dormir?

Pedimos que cada um/uma escrevesse sua hipótese, para I. “O ursinho não consegue dormir porque ele está com medo do escuro”, para MR. “Porque ele fica com vontade de ficar acordado e tinha medo do escuro”. I. e MR. afirmam que o ursinho tem medo do escuro,



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

afirmativa baseada nos medos infantis. MR. também relaciona com a vontade dele ficar acordado, talvez numa aproximação com sua dificuldade para dormir cedo. Já L diz que é “Por que ele está sosinho”, isso evidencia que ela lê a imagem e percebe que o ursinho está só na cama e, em razão disso, a consequência é não conseguir dormir.

Para N. é “Porque ele não está dormindo junto com a mãe” e para G. “porque ele perdeu a mãe”. Interessante essas hipóteses de N. e G., pois a resposta dada acontece por dedução, já que na capa do livro aparecem duas figuras a do ursinho e a de um urso grande, que tanto poderia ser a mãe quanto o pai. A materialidade da imagem auxilia, porém são afirmações possíveis, pois a imagem é de um animal (urso macho ou fêmea) grande cobrindo um ursinho. O que poderíamos inferir é que para as crianças a expressão dos olhos parece ser de melancolia. Ainda em relação à resposta dada por N. nos remete às razões pelas quais ela tem dificuldade para dormir sozinha, pois como justificou, antes dormia com o pai e a mãe no quarto deles e agora dorme com sua irmã em outro quarto. Aqui há uma relação direta entre experiência de vida e o texto literário.

V., G. e M. explicam por razões plausíveis extraídas de suas vivências: V. “por que ele não tem sono.”; J. “por que ele acorda muito tarde”. e M. “porque ele não está com sono”. Começamos a ler a história e foi muito interessante perceber a reação de alguns em relação à sua hipótese. J. disse que ia dizer que era porque o Ursinho tinha medo do escuro. A solução encontrada pelo Ursão foi colocar um lampião no quarto do Ursinho, mas o medo persistia, pois ainda havia escuridão no ambiente. Isso se repetiu por várias vezes e, quando questionávamos se dessa vez o Ursinho ia dormir, o grupo se mostrava dividido.

O impasse surgiu quando o Ursinho alegou que não conseguia dormir porque lá fora era muito escuro. Perguntamos: Como o Ursão poderia resolver esse problema? As respostas foram unânimes: colocando mais lampiões na porta da caverna, em volta da casa.

A resolução dada ao problema pelo Ursão surpreendeu a todos, pois não imaginaram que a lua e as estrelas fariam a iluminação e que, acolhido nos braços dele, o Ursinho adormeceria. Ficaram pensativos, riram e se olharam.

Após ter lido a história perguntamos se sentir medo do escuro é um medo bobo ou normal e as respostas também unânimes disseram que é normal, porque o ursinho é pequeno. Para MR. “é por que lá fora era muito escuro e ele é pequeno e novinho”. Para L. “porque ele é pequeno e tem medo do escuro e ele precisa de um colo pra dormir”. Para M. “porque ele é pequeno, por causa da idade do ursinho”. Idéia também expressa por N. que justifica: “é a idade dele”. I. argumentou dizendo que “é porque ele é pequeno e ele não dorme com a mãe ou pai dele”. Perguntamos se há motivo para ter medo do escuro e todos disseram que não há. Como moram no meio rural, onde a luminosidade artificial é menor que na cidade. Insistimos no tema e perguntamos se já sentiram medo de algo e se andariam à noite sozinhos fora de sua casa. Um teve medo de ladrão. V. disse: “eu senti medo de ir lá fora porque eu vi uma coisa lá fora”; MR. também teve medo, mas “uma vez só porque eu levei um susto do meu primo.” Já G. disse: “eu tive medo dum vulto.” Quanto ao sair de dentro de casa no escuro as respostas variaram entre o sim: porque não tem medo ou porque estão acostumados/as; e o não, mas dependendo o lugar onde.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Em nossa cultura para a maioria das pessoas sentir medo do escuro é um comportamento aceito, respeitado e justificado, principalmente quando se trata de criança. Os pais, geralmente, dizem que não precisam ter medo do escuro, pois eles estão ali junto com a criança e isso acalma, dá segurança. Muitos pais, inclusive, deixam uma luz acesa, o que facilita o deslocamento pelo ambiente à noite e faz com que a criança se sinta bem.

Com a turma do 1º e do 2º ano, 8 crianças, quando questionamos se sentir medo do escuro era um medo bobo ou normal e o grupo ficou dividido entre as opções mencionadas dadas, numa proporcionalidade de meio a meio. Indagamos se sentiam medo de alguma coisa, as respostas: de cobra (1), de macaco (2) e cinco (5) afirmaram que não tem medo de nada. Uma das crianças afirmou que é a mãe quem deixa a luz acesa e que hoje (dia dessa prática) ela ia pedir para a mãe desligar a luz. Vou dormir no escuro!! Decretou em voz alta para si, e, também, para o grupo.

Nesse grupo percebemos que há uma tendência de acatar um ideia de alguém, pois quando perguntamos se tinham gostado da história todos disseram que sim e quanto aos motivos a resposta veio puxada por uma voz e seguida pelo coro: legal, divertida, bonita, interessante, legal! Aí alguém disse: Isso já foi! E o grupo parou. Interessante essa interação nessa fase do processo de aprendizagem.

Procurando saber mais, pedimos que cada um/uma dissesse do que mais gostou e o motivo: nesse caso as respostas foram diversas: Ra., da caverna, porque é legal; Ta., da lua, porque a lua é bonita; Su., do ursinho, porque é legal; Vi., da lua; Ma., do Ursão porque não tem medo do escuro; Ga., do Ursinho porque ele é lindo; Ka., do Ursinho porque gosta de dormir no escuro; Ke., do Ursinho porque ele é lindo.

Os resultados apontam para a continuidade do desenvolvimento de práticas de leitura no âmbito da escola, pois esta é um dos pilares da formação de leitores, o outro é a família. Professores e familiares que gostam de ler e praticam a leitura e conversam sobre textos lidos com as crianças dão depoimento significativo sobre o papel da leitura na vida e na escola. Essas práticas que estamos desenvolvendo valorizam e incentivam a leitura de textos literários e, também, criam possibilidades para que as crianças escutem o outro (autor, colega, pesquisadoras) e igualmente verbalizem os sentidos produzidos. Acreditamos que práticas de dialógicas contribuem para que os leitores infantis exerçam sua capacidade de compreensão, interpretação e análise crítica e, principalmente sejam protagonistas.

A relevância está, também, no fato de impulsionar políticas de formação de leitores no âmbito escolar e familiar, desenvolvendo amorosidade pela leitura em geral e do texto literário em particular. Em contrapartida, a leitura serve como cânone, já que ensinam a fantasiar, imaginar, ver o mundo com outros olhos, resolver conflitos de natureza pessoal, enriquecer a linguagem e estilo de dizer. Como limites, apontamos o fato dela estar inconclusa.

Conclusões

Ao retomarmos os objetivos a que nos propusemos: comentar algumas experiências de leitura na infância no âmbito escolar e analisar uma práticas de leitura de texto literário,





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

com o intuito de criar situações de interação que oportunizem à criança expressar sentimentos, saberes, conhecimentos, representações e significado originados de suas experiências e/ou suscitados pela leitura; podemos dizer que constatamos que ainda há que se ampliar as experiências de leitura em geral e do texto literários em particular, pois estas ainda estão restritas às demandas da escola e na sua maioria são por ela incentivadas. As crianças gostam de ouvir história, pois isso faz parte das atividades desenvolvidas na sala de aula como motivação para o gosto pela leitura. No entanto, quando levam livros de literatura para casa, estes não voltam. Há evidências de que a escola está consciente da necessidade de uma política em favor da leitura. Isso aparece na preocupação de organizar uma sala de leitura e pelos relatos de uma professora que disse que nos cursos de formação a proposta da escola ativa é muito boa, pois contribui no desenvolvimento de práticas de leitura.

Quanto aos significados das leituras dos textos literários, pelas crianças, constatamos que aquilo que expressam está ancorado nas suas experiências pessoais, escolares, valores familiares e/ou sociais, bem como nos indícios gráficos e textuais. Elas usam a palavra, são sinceros, espertos, tem o que dizer e dizem interpretando o que foi dito; ou o que pensam que foi dito; ou o que apreendem olhando as imagens do livro; ou o que tiveram como experiência. Criam hipóteses e ficam felizes com as descobertas, as confirmações ou o inusitado. Levam muito a sério o trabalho de leitura e se divertem.

Durante esse processo com a leitura confirmamos que a criança constrói, se apropria e amplia seu universo simbólico. A criança produz modos de ver, sentir e estar no mundo e, nesse movimento, desenvolve aprendizagens. No entanto isso nem sempre é percebido pelos educadores, por não serem fruto de reflexão. As falas das professoras e da diretora da escola confirmam a importância da leitura, bem como esta é evidenciada nos cursos de formação que participam. Ler para as crianças e criar espaços para leitura ocorrem com mais frequência nas escolas, principalmente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, falta, ainda, refletir acerca de seus impactos na constituição dos sujeitos.

Agradecimentos

Agradecemos às crianças, pelo carinho, conversas e aprendizagens; às professoras e direção da escola por abrirem a possibilidade desse convívio, por relataram suas práticas e nos cederam tempo para interagir com as crianças. Aos pais que conversaram conosco. E, finalmente, à UNIJUI pelo apoio financeiro ao projeto.

Referências

RIZZOLI, Maria Cristina. Leitura com letras e sem letras na educação infantil no norte da Itália. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
WADELL, Martin. Você não consegue dormir, Ursinho? São Paulo: BRINQUE-BOOK, 1996.

